



Prezados leitores!

O Brasil nunca esteve tão em moda na Alemanha como atualmente. Sorrateiramente, mas de modo incontível, o verde-e-amarelo conquista o mundo do lazer dos alemães. Em vez de “estrelas e listras” (stars and stripes) norte-americanas, os jovens alemães preferem um outfit verde-e-amarelo: os típicos chinelos brasileiros invadem as ruas da Alemanha; nas lojas, sobram ofertas de camisetas com a bandeira do Brasil; e o kit caipirinha virou equipamento básico do lar neste verão europeu. Os donos de bares já fazem suas elucubrações sobre qual será o próximo produto brasileiro a triunfar no mercado alemão. O filme “Cidade de Deus” atraiu muitos espectadores jovens – e isso, diga-se de passagem, nas grandes salas de exibição e não apenas nos cinemas de programação popular. E, enfim, o “Carnaval das Culturas” em Berlim foi um desfile festejado por grupos quase exclusivamente de inspiração brasileira.

Mas não apenas em termos de moda e estilo de vida partem novos e fortes impulsos do Brasil. Sobretudo no campo político, o país assume um papel internacional cada vez mais importante. Na América Latina o Brasil, é a única nação que consegue se adaptar às regras do jogo da economia globalizada, sem agravamento das desigualdades sociais. As ferrenhas metas de contenção dos gastos públicos, defendidas pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e inteligentemente flanqueadas por medidas sociais, encontram apoio na sociedade brasileira.

O presidente do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias, já fala de um “modelo brasileiro”. O mundo está de olho no Brasil, que, de forma impressionante, consegue conciliar a consolidação do

orçamento público com crescimento econômico. Na opinião de Iglesias, para isso é preciso saber “vender corretamente à população” um modelo de reforma. Exatamente nesse ponto, Lula novamente se revela como um gênio da comunicação, capaz de construir pontes entre teimosos representantes de grupos de interesse. Na tentativa de romper com a inflexibilidade de seu estado de bem-estar social, a Alemanha pode aprender do Brasil.

“Nós não podemos imaginar uma sociedade sem mercado, mas também não devemos admitir que o mercado comande a sociedade; por isso, é necessário que a sociedade se torne mais ativa”. Assim, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso descreve a convicção política de seu sucessor. E, de fato, Lula atualmente mobiliza “sua” sociedade brasileira como nenhum outro chefe de governo esquerdista no mundo. O aspecto mais interessante nesse processo é a confiança depositada no presidente. Apesar de adotar uma linha dura de contenção dos gastos, acusações modistas de que defende o “neoliberalismo”, a “sociedade de duas classes” e o fim do “estado social” não o atingem, visto que não por seu discurso e, sim, por sua biografia prova o contrário.

Uma das evoluções de longo prazo mais importantes no intercâmbio com o Brasil é o progresso no caminho rumo a um acordo de livre comércio entre a União Européia (UE) e o Mercosul. Durante a 8ª Conferência Latino-Americana da Economia Alemã, o vice-ministro da Economia da Alemanha, Axel Gerlach, previu avanços nessas negociações ainda para este ano. Segundo o ministro brasileiro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luis Fernando Furlan, o respectivo acordo poderá ser fechado até o “final de 2004”. Leiam nesta edição mais detalhes das negociações que

ocorreram durante a Conferência de Frankfurt, em meados de maio.

Na reportagem de capa desta edição, abordamos uma transformação interessante no Brasil: “A favela torna-se chique!”, conclui Helena Horn, ao descrever que as favelas do Rio de Janeiro passam por uma metamorfose semelhante à do chamado “Plattenbau” da ex-Alemanha Oriental. Foi-se o tempo em que era uma vergonha morar na favela – escreve a autora. Assim como nos “Plattenbauten” (conjuntos residenciais comunistas parecidos com pombais) do Leste de Berlim, as favelas são habitadas cada vez mais por pessoas que vinculam uma “vida pulsante” com vanguarda. Vale lembrar que os antigos bairros mais pobres de Paris e Londres hoje estão entre os ambientes de vida mais cobiçados dessas capitais européias.

A história da imigração tem uma imagem empoeirada. Quem, no entanto, se ocupa das aventuras de imigrantes alemães no Brasil, encontra biografias fascinantes. Para muitos europeus, ainda hoje uma visita ao Brasil significa uma viagem a um mundo desconhecido. A leitura do artigo de Andrea Dahme-Zachos dá-nos uma impressão do que os imigrantes alemães devem ter sentido, quando desembarcaram num país “realmente selvagem”, a partir do início do século 19. “Isolados e entregues à própria sorte, os imigrantes moldaram os povoamentos em formação”, que nada tem a ver com a imagem que hoje temos do Brasil.

Desejo-lhes muito prazer na leitura e um belo verão.

Michael Rose